

a Solidão de

The
Booker
Prize
2025
Shortlisted

Sonia *e* Sunny

Kiran Desai

AUTORA DE A HERANÇA DO VAZIO,
VENCEDOR DO BOOKER PRIZE



Em memória do meu pai

FAMÍLIA DE SUNNY BHATIA

AVÔ MATERNO

DE SUNNY:

Avô / Coronel

AVÓ MATERNA

DE SUNNY:

Avó

AVÓ PATERNA

DE SUNNY:

Minnie Bhatia



MÃE DE SUNNY:

Babita

TIOS PATERNOS

DE SUNNY:

Rana e Ravi

AMIGOS DE BABITA:

*Vanya, Sara, Umberto
e Murad Habib*

FILHOS DO

TIO RANA:

Chiki e Chika

EMPREGADOS

DOMÉSTICOS:

*Vini e Puni
(filhas de Gunja
e do bêbedo)*

*Motorista de
Allahabad: Bahadur*

NAMORADA DE SUNNY:

Ulla

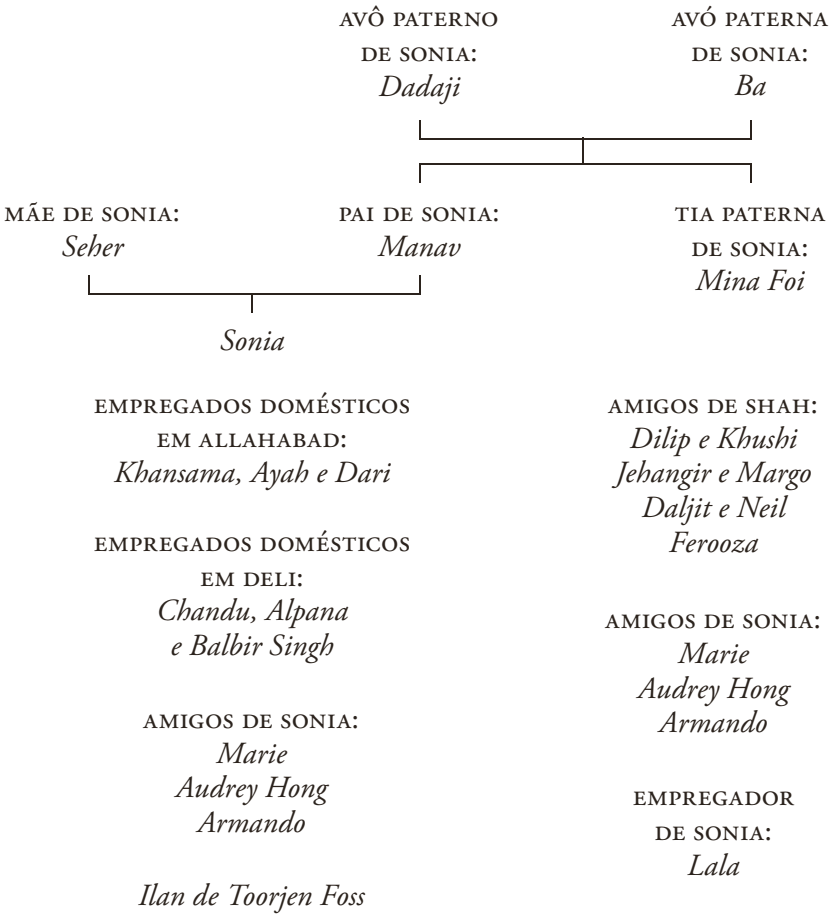
AMIGOS DE SUNNY:

*Satya
Pooja*

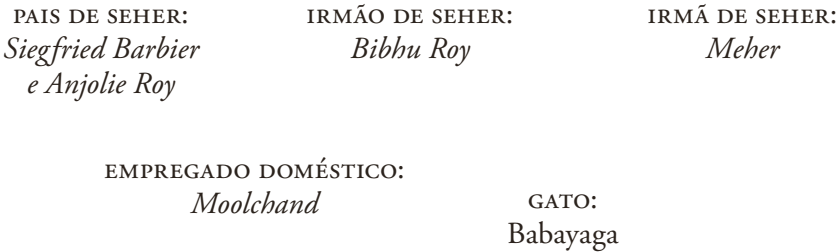
CÃO:

Pasha

FAMÍLIA DE SONIA SHAH



FAMÍLIA DE BARBIER



PARTE I

SOZINHA? *SOZINHA?*

CAPÍTULO 1

Estava o sol ainda submerso na penumbra invernal da alvorada quando Ba, Dadaji e a filha, Mina Foi, cada um deles a aconchegar-se no seu xaile, saíram para a varanda para beber chá e decidir, por um vigoroso processo de eliminação, as refeições para o resto do dia. As ordens tinham de ser dadas ao cozinheiro ao pequeno-almoço, para este poder rumar diretamente ao mercado. Era o quinquagésimo quinto aniversário de Mina, no primeiro dia de dezembro de 1996, e o borrego para os *kebabs* do jantar estivera toda a noite a marinar na cozinha.

— Arroz? — gritou Ba. — *Roti*¹? — Estava a ficar surda, mas sabia que tinha de sobrepor a voz ao tráfego matinal que rugia junto ao portão da frente e ao grasnar de centenas de gralhas: o ruído das aves e o esforço do sol por despontar estavam tão intimamente ligados que dava a sensação de serem elas a trazer ao mundo a luz todas as manhãs. — *Pilau*? — sugeriu. — *Paratha*?

Empoleirado acima deles, no alpendre da entrada, via-se um busto de gesso de um cavalheiro rechonchudo, com gravata, talvez inspirado num desenho feito pelo primeiro proprietário do *bungalow*, que percorrera a Europa com um caderno de esboços na mão, imitando os estrangeiros que observara na Índia. A culpa talvez fosse da interpretação do artista, ou do ambiente dissonante de Allahabad, ou de algumas manchas de excrementos de aves, mas o busto assemelhava-se menos a um nobre digno do que a um snobe tolo interessado naquele céu, que não se mostrava límpido há um quarto de século, desde que a estrada nacional fora alargada para dar lugar aos camiões que transportavam couves, cimento, cabras, trigo e — a acreditar nos jornais ou na maledicência — prostitutas e doenças venéreas.

Indiferentes ao cavalheiro elegante, aos camiões poluidores ou à família na varanda, os grasnidos das gralhas subiram em crescendo.

¹ Ver glossário no fim do livro. (*N. do T.*)

— Couve-flor? — insistiu Ba. — Espinafres?

— Batata? — disse Dadaji, erguendo os pés do chão. Esfregou-os um no outro com tanto carinho e exagero como se fossem mãos macias de veludo. — O guzerate gosta de batata mais do que a maioria — disse, como se se explicasse a um antropólogo ausente. Eram uma família desenraizada, guzerates encalhados no estado de Uttar Pradesh. Anos antes, a carreira jurídica de Dadaji levava-o ao tribunal de Allahabad.

Dois telefones robustos — um no canto da sala de estar, outro sobre a secretária de Dadaji — tocaram como sapos num pântano, *trr trr trr*, e eles já sabiam que seria um telefonema de parabéns do irmão de Mina Foi, Manav, o segundo filho de Dadaji e Ba. Dadaji atendeu o telefone que se encontrava sobre a sua secretária, e Mina Foi a extensão da sala de estar. Ba nunca falava ao telefone, pois não tinha esse hábito, mesmo se a audição lho permitisse.

— Vida longa, Mina — desejou Manav à irmã.

— Já passou demasiado tempo — respondeu Mina Foi. Queria dizer ao irmão que esperava que o casal missionário aparecesse, como no ano passado, com biscoitos de pepitas de chocolate trazidas de Iowa, mas talvez eles não se lembrassem de que era o aniversário dela, e ela não podia avivar-lhes a memória. Era-lhe proibido fazer telefonemas sozinha, pois eram considerados um luxo inútil.

Dadaji comentou sobre a valorização de um dos seus investimentos e, no fim da conversa, perguntou pela saúde da nora, Seher, e da neta, Sonia.

— Estamos preocupados com a Sonia — respondeu Manav. Sonia frequentava a faculdade em Vermont. — Está com uma depressão. Chora ao telefone e, quando voltamos a ligar passado um dia, a cena repete-se.

— Mas porquê? — perguntou Dadaji. — Ela já lá está há três anos. Porque é que se põe a chorar de repente?

— Diz que se sente sozinha. — A última vez que Sonia regressara a casa fora há dois anos.

— Sozinha? *Sozinha?*

Em Allahabad, a solidão era algo que ninguém entendia nem aceitava. Podiam sentir a solidão de serem incompreendidos; podiam conhecer a sensação de vazio absoluto das tardes na cidade, uma maré que se afastava, porventura para nunca mais voltar, o que era uma espécie de solidão; mas nunca tinham dormido sozinhos numa casa, nunca haviam

feito uma refeição sozinhos, nunca tinham vivido num lugar onde eram desconhecidos, nunca haviam acordado sem que um cozinheiro lhes trouxesse o chá ou desejasse bom dia a várias pessoas:

Namastê, Khansama.

Bom dia, mãe.

Bom dia, pai.

Mina, bom dia.

Ayah, namastê.

Sempre que Dadaji se lembrava do poema de Wordsworth que lhe tinham ensinado na escola — *Vagueei solitário como uma nuvem / que flutua lá no alto sobre montes e vales* —, a estrofe parecia-lhe tão ridícula que o fazia inclinar a cabeça para trás e rir tão desmesuradamente que a sua dentadura superior caía com estrondo. Mas, sentindo-se extraordinariamente generoso por causa da valorização crescente das suas ações, Dadaji disse a Mina Foi para telefonar a Sonia. Como sofria de problemas de visão — deslocamento de uma retina, glaucoma, cataratas —, colocou uma lupa sobre o seu olho vermelho e lacrimoso e inclinou-se de tal forma que o nariz tocou na agenda enquanto lia o número da residência universitária do Hewitt College, em North Hewitt. Mina Foi colocou o dedo nos buracos do disco do telefone e tentou ligar durante quase uma hora, até o dedo ficar dormente. Finalmente, o telefone tocou à distância, e atendeu alguém com o que ela supôs ser um sotaque de *cowboy*.

Por sorte, Dadaji levantou o auscultador da linha da extensão. Mina Foi não se sentia capaz de falar com um *cowboy*. O seu dedo manteve-se suspenso no ar, dormente.

— Olá, olá, por favor, liguem-nos à Sonia Shah, que está no quarto número cinco — gritou Dadaji.

Depois, quando Sonia chegou à cabine telefónica, perguntou:

— O que se passa? Porque é que o teu pai diz que estás infeliz? Os teus estudos vão bem?

— Sim — respondeu Sonia com uma voz sumida.

— Então? Qual é o problema?

— O que é que comes por aí? — perguntou Mina Foi.

— Massa! — respondeu o avô pela extensão do telefone.

— Não, Dadaji — replicou Sonia —, o menu é muito internacional. Temos noite chinesa, noite mexicana.

— Noite indiana? — arriscou Mina Foi.

— O almoço às vezes é *Tomato Tigers*, que é tomate e queijo num *muffin* inglês tostado, polvilhado com caril por cima.

— Nunca ouvi falar de tal coisa! — disse Dadaji, escandalizado.

— E à sobremesa? — sussurrou Mina Foi.

— *Brownies* com gelado, torta de noz-pecã e tarte de mirtilos.

Só de imaginar tais mistérios tão extravagantes, Mina Foi quase desmaiou de amargura.

— A tarte é uma comida muito americana — confirmou Dadaji.
— Bom, e porque choras tu, sua felizarda?

— Tenho a cabeça a transbordar. Não consigo deixar de pensar em mim e nos meus problemas. Tenho receio do inverno. Com o escuro e com o frio, só vai piorar... — tentou explicar Sonia.

— Faz uns exercícios, anima-te e depois pega nos livros. Tens de perseverar, apesar das dificuldades. Se eu não tivesse renunciado à vida que me estava destinada, estarias em Nadiad, casada aos dezasseis anos, e não nos Estados Unidos a estudar.

As mãos de Mina Foi entrelaçaram-se no seu colo quando se lembrou das visitas da infância à casa ancestral, onde as mulheres se contentavam com o que sobrava depois de os homens comerem. Quando as raparigas menstruavam, eram banidas — mesmo desta existência marginal — para uma cabana no fundo da propriedade, onde comiam em pratos de barro que depois partiam sobre a pilha de lixo, para não poluírem o mundo.

Dadaji retirara-as, sozinho, de tal atraso. Podia ter uma força de vontade implacável e um temperamento irascível, mas eram precisamente essas qualidades que haviam dado a Ba, todos os dias do ano, um lugar à mesa de mogno polido. Quando se reformou, levou-a numa viagem à volta do mundo, juntamente com o irmão mais novo, Amal Kaka, e a esposa deste, porque Amal Kaka ainda não usurpara a propriedade ancestral, e os irmãos continuavam a ser chegados.

Todos estes anos depois, Ba e Dadaji não conseguiam recordar uma única vista, nem monumento, nem museu, mas nunca se esqueceram do cachecol verde perdido a caminho de Machu Picchu ou da máquina que prometia fornecer a história gravada do Vaticano por meio de auscultadores, mas que, quando se colocavam as moedas,

não funcionava, e quando foram queixar-se o balcão estava fechado para almoço.

— Devemos voltar daqui a vinte minutos? — tinham perguntado ao guarda.

— Será que o almoço só demora vinte minutos?! — respondera o guarda, irritado.

Lembraram-se disto, e depois lembraram-se de como tinham sofrido de prisão de ventre em Viena e passado um dia à procura de fruta a preços razoáveis, sem conseguirem encontrar nenhuma. Em Londres, num hotel chamado The Buckingham, onde se assumia que as pessoas seriam honestas, disseram-lhes que o pequeno-almoço estava incluído na tarifa, mas afinal não estava. Pouparam uma pequena fortuna em Paris cozinhando arroz e lentilhas na chaleira elétrica ao jantar, sendo que Dadaji tivera de subir a uma cadeira para desmontar o alarme de incêndio do quarto do hotel. Tinham ficado desiludidos com a cozinha francesa: qual era afinal o motivo de tanto alarido? Encontravam sempre as mesmas três sanduíches e dois molhos em todo o lado. Com esses dois molhos, os franceses tinham aterrorizado o mundo.

A seguir, na maior parte dos países estrangeiros, tinham observado que os habitantes não demonstravam respeito pelos turistas indianos, mas andavam atrás dos brancos e bajulavam-nos. Por isso, o melhor era viver entre os seus e manter os próprios padrões meticulosos. Depois de reduzirem o grande mundo a uma escala doméstica, Ba e Dadaji regressaram satisfeitos a casa.

— Porque é que te sentes sozinha? — perguntou Dadaji a Sonia.
— Nós achámos os americanos muito afáveis. Quando fomos ao Grand Canyon, deixámos as bananas no autocarro, e uma senhora saiu e correu atrás de nós para no-las entregar. Teve de esperar pelo autocarro seguinte.

— Lá simpáticos são — concordou a voz sumida de Sonia.

— É um país lindíssimo — disse Dadaji.

— Lá isso é verdade — concordou Sonia.

— E com tanto espaço vazio!

— Sim. — Ouviram Sonia começar a chorar, e depois a ligação caiu.

Regressaram à varanda; seria demasiado extravagante voltarem a ligar. O sol cintilava agora, baço, por cima da névoa; as gralhas tinham-se

calado; e a aia corcunda chegara para varrer o chão, arrastando consigo uma vassoura de ramos cujo comprimento ultrapassava largamente a sua altura. Com a cabeça e o rosto cobertos pelo sari, que tinha a cor do pó, varreu o pó da casa para a varanda e, depois, escada abaixo, degrau a degrau, até ao pomar de goiabeiras — que, na época certa, produziam as famosas goiabas cor-de-rosa de Allahabad —, espalhando o pó sobre o pó que já repousava sobre outro manto de pó, acabando por traçar um padrão de vieiras de pó que se estendia até à periferia da propriedade.

Ao cair da tarde, o pó já teria voltado, entupindo as pequenas malhas de arame das redes mosquiteiras das janelas, cobrindo os filodendros, enevoando o nome no portão que dizia *M. L. Shah, Advogado, Tribunal Superior*, polvilhando os papéis e os dossiês e entorpecendo as teclas da máquina de escrever. Quando Sonia era pequena, Mina Foi mostrara-lhe — com um certo orgulho na sua desgraça — que, quando cuspiu no lavatório, cuspiu o pó bege dos camiões.

Ba e Dadaji não haviam levado Mina Foi na volta ao mundo, porque, por essa altura, ela já se mostrara azarada, e quando alguém nasce com azar não há necessidade de perder tempo com essa pessoa. Trinta e três anos antes, Dadaji recebera, com um silêncio carregado de censura, a filha regressada de um casamento de seis meses, embora tivesse sido ele próprio a intermediar o noivado. Parecia que a culpa era de Mina Foi, por ser desafortunada.

— Nada corre bem à Mina — anunciara Ba, e era como se a sua tragédia tivesse sido lavada, dobrada e encaixada numa daquelas malas de lata preta cheias de saris de dote e de peças de lã protegidas contra as traças, que sobreviviam a gerações. No entanto, em cada aniversário, para tornar a ocasião especial, o *Ambassador* era ensaboado e lavado de forma íntima e afável pelo motorista, como se o carro fosse um búfalo, e depois conduzido até ao pórtico da frente para mãe e filha visitarem o património de Mina Foi, as joias ancestrais guardadas num cofre no State Bank of Baroda. De caminho, deixavam Dadaji na casa do Coronel, na Thornton Lane, para ele cumprir o seu habitual compromisso semanal de xadrez. Envergando um *blazer* azul-marinho e uma gravata vermelha — pois Dadaji vestia-se sempre formalmente quando saía de casa —, juntava-se ao Coronel, também de casaco e gravata,

à espera com o tabuleiro de xadrez no relvado da frente, lembrando às mulheres que viessem buscá-lo dentro de duas horas.

Mina Foi trazia o seu novo sari de aniversário, de cor púrpura e florido. A mãe trajava um de padrão ondulado verde. Ambas tinham trocado o algodão pelo poliéster, mais durável, glamoroso e fácil de cuidar. Mina Foi calçava os seus habituais chinelos de borracha azuis. Tinha as plantas dos pés calejadas, uma verruga no nariz, buço e pernas suaves e peludas, que esfregava uma na outra por baixo do sari quando estava satisfeita, ou por vezes na cama, antes do amanhecer, quando se sentia em paz, segurando os seios adormecidos. Quando segurava os seios e acariciava as pernas naquela hora matinal, era para se conceder um pouco de ternura e carinho no início do dia.

Mina Foi e a mãe chegaram ao banco e desceram da luz do dia para a cave semelhante a uma morgue, onde um segurança de bigode encaracolado e com um fuzil de tempos idos vigiava os cacifos metálicos que guardavam tesouros adormecidos. Um empregado registou a hora da chegada e segurou a escada trémula para Mina Foi poder subir até ao cofre da família na fila mais alta, do qual retirou e entregou à mãe caixas gastas e sacos de plástico, reparando, entretanto, na peruca de hena do empregado, presa com ganchos, e sentindo um toque de compaixão pela sua vaidade. As caixas e os sacos traziam nomes de joalharias há muito encerradas, nomes de uma era de grandeza passada: Gopaldas Chandraprakash & Filhos, Bhagatram Jainarain, Haji Rafique, KG Sultania Calcutta Walla. Os sacos de plástico, desbotados e estaladiços devido ao passar dos anos, estavam fechados com elásticos que tinham derretido com o calor do verão e que depois, ao endurecer, haviam formado crostas irregulares. O algodão que envolvia as joias também estava acinzentado, mas no interior o brilho das pedras tinha-se concentrado com a idade. Mina Foi e a mãe admiravam os rubis e esmeraldas turvos, as pérolas nodosas com um brilho coalhado a leite que se misturavam com vidro e contas simples no alegre estilo guzerate. Havia diamantes *kundun* em grandes e toscos candelabros, parte do dote de Mina Foi, que Ba temera que os sogros de Mina Foi guardassem após o divórcio da filha. Quando não o fizeram, para melhor estabelecer que eram a parte inocente, Ba não sentiu, obviamente, felicidade, dadas as circunstâncias, mas sim um restabelecimento interior do seu equilíbrio. O conteúdo do

cofre fora dizimado, e depois fora repostado. O ânimo de Ba fora abalado, agora encontrava-se serena. Havia, porém, um sentido mais profundo de perda que a assombrava, o qual herdara da mãe, que lamentava, repetidamente, um precioso rubi birmanês do tamanho de um ovo de pombo, desaparecido quando a família foi forçada a abandonar o negócio em Rangoon e regressar a Nadiad. A perda do rubi e a queda da riqueza do pai significaram que algo mudara na percepção que Ba tinha de si própria.

Quando Sonia visitara os avós pela última vez em Allahabad, no verão antes de partir para a faculdade nos Estados Unidos, Ba e Mina Foi tinham-na levado ao banco para ver as joias da família. Ba narrara a história do rubi birmanês perdido e depois falara mantendo-se fiel às tradições familiares.

— O conjunto mais bonito de todos será para ti, Sonia, quando te casares.

Ela mascarara a dor de pronunciar esta frase adotando um ar sério, como se falasse de uma doença, e virara-se para o lado, não fosse Sonia aceitar com descaramento.

— Obrigada, Ba.

Mina Foi ajudara Sonia a experimentar uma pulseira de pérolas com um fecho de esmeralda complicado, lembrando-se de como a usara no dia do seu casamento, e ainda hoje isso lhe apertava o peito, ao recordar a sua esperança ingênua e desmedida. Fora muito inocente, e quando a sua inocência se perdeu sentira muita vergonha. De repente, ocorrera-lhe que estava a transmitir a sua própria má sorte a Sonia.

— Tira-a!

— Vamos lá, volta a guardá-la com todo o cuidado! — dissera Ba, incapaz de suportar o desmoronar do seu coração.

Mas o fecho não abria, e Mina Foi teve de arrancar a pulseira da mão de Sonia, arranhando-lhe a pele.

— Nos Estados Unidos não usam joias, apenas pequenas bugiganças — comentara Ba.

Agora, no quinquagésimo quinto aniversário de Mina Foi, Ba certificava-se de que as pedras preciosas não eram manipuladas de forma frívola, limitando-se a admirá-las e a contá-las para garantir que nenhuma faltasse. Limpou o suor do lábio superior com o lenço.

— Felizmente, tu nunca foste de te aperaltares!

Será que Ba queria dizer que, se Mina tivesse gosto em se aperaltar, o seu divórcio aos vinte e dois anos e o facto de já não ter ocasião para se adornar teria sido intolerável? Que ela era afortunada nesse aspeto? Ou queria a mãe dizer que era afortunada por se ter divorciado e por as joias de casamento haverem sido devolvidas ao cofre do banco da mãe?

Sentiu uma invulgar pontada de ódio por Ba. Se a sua vida tivesse sido diferente, Mina Foi poderia ter sido também outra pessoa — alguém que talvez tivesse gostado de se sentar diante do espelho de um toucador, borrifando perfume atrás das orelhas, colocando brincos, colares, anéis, pulseiras.

— Mas como é que eu poderia saber se gosto de me aperaltar ou não? — perguntou.

A mãe nem respondeu, não sabendo como poderia reagir a tal pergunta, e, uma a uma, lá recolocaram as pérolas, esmeraldas, rubis, diamantes e ouro no algodão velho, depois nas caixas secretas, e por fim nos sacos de plástico estaladiços e frágeis. Removeram os elásticos partidos e deformados e pediram ao empregado outros novos.

— Não tenho — disse ele, com maus modos. — Porque é que não se lembraram de os trazer? — Depois abriu uma gaveta e deu-lhes dois, lançando-lhes um olhar fulminante.

Mina Foi trancou novamente o cofre e devolveu a chavinha.

— Mas porque é que não fazem uma chave mais resistente? — perguntou.

A tarde já ia adiantada quando mãe e filha subiram as escadas de regresso à rua, incomodadas por constatarem que a excursão, não tendo reforçado nem aprofundado o laço que julgavam inquebrantável, mostrara que este podia ser derrotado por uma pérola.

— Achas que a Betsy e o Brett vão trazer biscoitos com pepitas de chocolate, como fizeram no ano passado? — perguntou Mina Foi.

— Não sei. Talvez nem se lembrem.

— Não seria melhor passarmos por casa deles?

— Por casa deles? Mas fica fora de caminho. — Betsy e Brett viviam num bairro pobre na periferia, para mostrar a sua devoção missionária. — E já estamos atrasadas para ir buscar o pai.

Pontualmente, Ba e Mina Foi foram buscar Dadaji, que esperava entre as petúnias do Coronel, de mau humor por ter perdido o jogo, e regressaram a casa sentindo o alívio do pôr do sol que se aproximava, antecipando o jantar que culminaria as suas deliberações iniciadas à hora da alvorada.

— Caramba, o *galawati* é um *kebab* mesmo complicado — lembrou Dadaji. — Tem de ficar macio como seda.

— O Khansama não usa ovo nem nenhum outro agente aglutinante — explicou Ba —, e depois é uma tarefa extremamente delicada virar o *kebab*. Mas este tipo de comida só se pode comer de vez em quando, para não ficarmos com gota.

Ba supervisionava Khansama a virar delicadamente os *kebabs* e contava cada peça para que nenhuma desaparecesse antes de ser servida. Cheirava profundamente cada prato, com atenção e desconfiança, certificando-se de que tudo estava nos conformes. Verificava a despensa e o frigorífico para garantir que cada frasco e cada lata tinham sido consumidos apenas na proporção exata da refeição. Não a incomodavam as baratas que viviam no interior da estrutura do frigorífico quente, que trabalhava intensamente — na verdade, nem as via, tão fraca era a luz elétrica. Também não reparava que, em cima dos frascos gordurosos, os opiliões tinham ficado com as pernas presas e morrido. Nem que, no topo da porta, quase tão alta quanto a parede, ficara esmagada uma lagartixa, e que a pele esborrachada do seu corpo e a cabeça vazia ainda pendiam do batente elevado da porta.

A seguir, tomou banho. Em Allahabad, tomavam banho antes do jantar e depois jantavam formalmente à mesa, de pijama, camisa de dormir ou roupão.

— É do pai, é do pai! — gritou Ba quando Mina Foi esticou a mão para alcançar o último pedaço de batata.

Ba nunca falava diretamente ao marido de forma desrespeitosa, e resgatou o delicioso pedaço para o colocar no prato dele. Esta entrega de uma batata a Dadaji remetia para a perda do rubi birmanês. Dadaji comeu-a com colher e garfo, exibindo a expressão habitual de quem tem de lidar com problemas.

— Toda a gente gosta de batata — disse ele —, exceto a nossa nora, Seher. É a única pessoa que conheço que não gosta de batata.

O dedo de Mina Foi avançou rapidamente e recolheu um pedaço solto de cebola frita que repousava sobre a toalha, colocando-o na boca com uma expressão distraída, sem olhar à volta para ver se alguém a havia visto, porque se ninguém nos vê é como se não o tivéssemos feito. Sentia uma tristeza profunda, sem razão concreta, apenas uma certa angústia, uma pontada de melancolia que surge ao degustar comida tão requintada enquanto a vida se apresenta tão deserta, com austeridade em tudo, exceto no que toca ao jantar. Ou teria ficado perturbada com o telefonema a Sonia, por este lhe ter trazido o grande mundo e a consciência de que outras pessoas viviam por aí em colinas de neve fresca a comer tarte de mirtilo? Ou sentiria uma tristeza profunda por os missionários se terem realmente esquecido do seu aniversário? Lembrou-se então de que a sobrinha também não lhe tinha enviado os parabéns.

Os brincos de Ba, com diamantes em forma de flor, que ela nunca tirava, nem ao dormir, captavam a luz sombria da sala de jantar enquanto ela lambia da concha, com eficiência doméstica, os últimos vestígios do *dal*. Começou a contar o número de *kebabs* para se certificar de que nenhum desapareceria antes de os restos serem servidos noutra refeição.

— Antes de mais, é possível que o Khansama não tenha servido todos os pedaços — disse Dadaji. — Ou que nem sequer os tenha cozinhado.

— A mãe sabe exatamente o aspeto que tem um quilo de carne de borrego — disse Mina Foi lealmente. Não havia razão para nutrir raiva contra a única pessoa que tentara dar-lhe um presente de aniversário.

Lambidas as facas e as colheres, memorizado o tamanho das sobras e retirados os pratos de melamina, Dadaji ergueu a mão.

Ao fazê-lo, Ba virou para cima a palma da mão, surpreendentemente pequena, e cuja palidez fora considerada indicativa de superioridade de casta na altura em que fora combinado o casamento de Ba e Dadaji. Quando Ba virou a palma da mão, Mina Foi repetiu o gesto com a sua mão grande e morena, que se assemelhava à do pai. Khansama apareceu com um tabuleiro carregado de frascos de comprimidos e entregou-os a Mina Foi, que os contou, colocando-os um a um na palma da mão de Ba, que, por sua vez, os passou um a um ao marido, o qual condescendeu em levar o seu próprio copo de água à boca. Vitaminas, enzima de papaia, óleo de fígado de bacalhau, *Dabur Chyawanprash*.

— O prazo de validade das cápsulas de alho *Seven Seas* já expirou — disse Mina Foi, enquanto inspecionava um dos frascos.

— Toma-as tu, então — ordenou Dadaji a Khansama. — Não as desperdices. Dá-as aos teus filhos; dão perfeitamente para usar mais um ano ou dois.

Mina Foi reparou que o jornal amarelado que forrava o tabuleiro dizia: «Rapaz criado por lobos encontrado em área tribal.»

— Ouçam — disse Dadaji, depois de concluídas todas as tarefas correntes.

Olharam para ele.

— Quando estava a jogar xadrez com o Coronel, ele por acaso mencionou o neto que está nos Estados Unidos; eu já me tinha esquecido completamente do rapaz. Perguntei se era casado (já terminou o mestrado), e disseram-me que não. Perguntei do que é que estava à espera. Disseram-me que tinha as suas próprias ideias, e que essas ideias não davam em nada. Entretanto, a mulher do Coronel disse-me que sentia o cheiro de um aroma real quando passava de carro pela nossa casa. Ela disse: «Pensei que se não nos mandassem *kebabs* deveria haver uma razão. Pelo menos deem-nos a receita, ando a implorar há anos.»

— Porque é que iríamos entregar os segredos da nossa cozinha sem nenhum motivo? — perguntou Ba. Seja como for, porque faria a mulher do Coronel tal pedido, quando toda a gente sabia que, ao ser pressionada a dar uma receita, uma pessoa deve cometer sempre uma omissão astuta, subtrair um ingrediente, alterar uma quantidade para deixar o recetor atormentado: *Há aqui qualquer coisa que não bate certo!*

— Amanhã levamos os *galawati* que sobraram — disse Dadaji.

— Mas porquê? — perguntou Mina Foi. — Podíamos comê-los ao almoço.

— Se a Sonia se sente sozinha, o problema resolve-se facilmente. Vamos promover um encontro entre a Sonia e o neto deles.

Dadaji, Ba e Mina Foi recordaram, cada um em privado, um incidente da década anterior que ninguém esquecera, quando o Coronel encorajara Dadaji a investir numa fábrica de lãs fundada por um colega militar a quem o Coronel acreditava dever a vida — tinham combatido juntos em Caxemira. O negócio faliu, e o investimento considerável em cobertores militares, meias, balaclavas e pulôveres resultou numa perda

financeira para Dadaji, que, como era natural, se sentira tão aborrecido quanto o Coronel se mostrara arrependido. Embora o incidente tivesse trazido uma nova corrente de arrependimento e falsidade à sua antiga vizinhança, Dadaji, inconscientemente, aguardava o momento de cobrar a dívida. Persistia, no entanto, a generosidade: continuavam a prestar aconselhamento jurídico gratuito sobre o processo do Coronel, que reclamava indenização pelas terras da família em Lahore perdidas durante a Partição; continuavam a enviar *kebabs* e outros pratos da sua cozinha com a habitual largueza; continuavam os jogos de xadrez, nos quais perdiam com galanteria.

Era essencial permanecer próximo daqueles que lhe tinham causado dano para que o fantasma da culpa pudesse respirar por intermédio dos sonhos deles, para que a culpa deles pudesse lentamente amadurecer até ao seu pleno potencial. Não que Dadaji tivesse pensado bem no assunto — nunca dava bom resultado arquitetar algo conscientemente, fazer cálculos grosseiros —, e até ele se admirara com o que parecia estar a acontecer. Mesmo agora, seria totalmente impróprio invocar esta dívida. O Coronel não permitiria que o neto suportasse o peso do erro do avô. Dadaji e Ba podiam simplesmente sugerir um casamento desejável entre os netos, dois indivíduos educados nos Estados Unidos, dois iguais, duas pessoas naturalmente talhadas uma para a outra, devido às suas origens e ao seu destino. Sem que nenhum deles o mencionasse, a obrigação podia ser maravilhosamente desvendada.

Ba e Mina Foi voltaram a testemunhar o brilhantismo de Dadaji. Este podia ter perdido a partida da tarde, mas jogara uma partida de xadrez consumada.

— E não terão a coragem de pedir dote! — disse Ba.

Mais uma vez, o motorista ensaboou e lavou a volumosa carroçaria do *Ambassador* e conduziu a família até à residência do Coronel. Levavam uma travessa cerimonial de prata, com bordas onduladas, repleta de *kebabs*.

— Recebemos recentemente notícias da nossa neta. Parece que a solidão é um grande problema lá nos Estados Unidos — comentou Dadaji.

Mina Foi reparou que na mesa lateral de marfim incrustado, ao lado do arranjo de *ikebana* da esposa do Coronel, havia uma fotografia

do neto. Orgulhoso, com o nariz de um nababo, mas com os lábios de um querubim, lia um jornal. Ela achou-o bonito.

— Sozinha? *Sozinha?* — disse a esposa do Coronel.

— Sem pessoas, não se é nada — respondeu Mina Foi. — Ainda para mais no inverno. Neva sem parar por aquelas bandas.

Betsy e Brett tinham-lhe emprestado *Uma Casa na Imensa Pradaria*, que se tornara o livro preferido de Mina Foi. Devia tê-lo lido umas cem vezes, embora os pais considerassem os romances tão inúteis quanto os telefonemas a missionários.

PARTE II

INVERNO VASTO
E SOLITÁRIO

CAPÍTULO 2

Embora Vermont fosse pequeno e acolhedor no verão, com cada encanto — o agricultor no mercado, a criança no lago, a abelha na dedaleira, a raposa no galinheiro, o urso na colmeia — no devido lugar, no inverno as distâncias alargavam-se, o céu ameaçava intempéries, as colinas transformavam-se em montanhas, tornavam-se vastas e solitárias. Durante os dois meses que se seguiam às férias de Natal, esperava-se que os estudantes do Hewitt College se dispersassem como aves migratórias para estagiar em estabelecimentos que representavam as suas futuras profissões: um teatro de marionetas, um banco de investimento, a Sociedade Numismática, um instituto dedicado à floresta tropical. Mas os estudantes estrangeiros tinham vistos que não lhes permitiam esse tipo de trabalho, e aqueles que não podiam regressar a casa, ou trabalhar gratuitamente, aceitavam empregos no *campus* e aprendiam a lidar com os diversos estados de espírito próprios da solidão invernal.

Sonia trabalhava na biblioteca e, neste último ano do seu curso, arrastava-se colina acima todas as manhãs de dias úteis vinda da Gerstein Chen House, uma residência universitária no sopé de uma colina na aldeia de North Hewitt que permanecia aberta para estudantes que não tinham outro lugar onde ficar. Ao entrar por uma brecha na parede de pedra que cercava o terreno da faculdade, Sonia passou pela mansão que abrigava o departamento de música, forrada inteiramente por gavinhas de hera agarradas à pedra como patas de lagarta, e, através de uma janela logo abaixo das chaminés, vislumbrou uma lâmpada esverdeada a brilhar e soube que Lazlo passara a noite inteira a tocar piano.

Passou pelos celeiros vermelhos que abrigavam o departamento de antigos alunos, onde Armando trabalhava. Este não morava na Gerstein Chen House; estava a tomar conta da *pug* de Dany, a professora de teatro, do outro lado de North Hewitt. Sonia rodou a chave e abriu a porta do moderno edifício da biblioteca, em forma de cubo branco, onde passava

o dia quase sempre sozinha; além dela, a única pessoa presente durante o período de inverno era Marie, que vinha de manhã e orientava Sonia. Com demasiada frequência, Marie encontrava Sonia a ler os livros que deveria estar a transferir do sistema de catalogação Decimal de Dewey para a Library of Congress. Mas quem resistiria a uma biblioteca inteira só para si? Sonia lia Eudora Welty e Katherine Mansfield. Lia Isak Dinesen e Jean Rhys. Quando anoitecia, regressava à Gerstein Chen House e cozia massa de *ramen* num fogareiro elétrico numa cozinha perpetuamente iluminada por fluorescência. Para culminar, deleitava-se com um pacote de *Chacharoni* que a amiga Audrey Hong lhe deixara. O nome original de Audrey era Jung-hee, mas quando a família emigrou de Seul o pai dela tinha-lhe mudado o nome em homenagem a Audrey Hepburn; as suas irmãs chamavam-se Greta e Marilyn.

Depois do *ramen*, Sonia dedicava-se a escrever histórias para o seu projeto de fim de curso em Literatura e Escrita Criativa. A falta da família fazia-a evocar intensamente a Índia. Começou a escrever uma fábula infantil sobre um rapaz que subia a uma árvore e vivia como um macaco até que se tornou um, processo que se complicava pelo facto de ser confundido com um ermitão sagrado.

Ao domingo de manhã, às 10 horas em ponto, a mãe e o pai telefonavam para o aparelho que tocava numa cabine do corredor.

— Sê rápida, sê rápida! — preocupava-se o pai com o custo.

Mas Sonia espriava-se, apesar de ter tão pouco para contar. Falou-lhes de um certo esquilo que a tomara por alvo, batendo com audácia na janela a exigir que o deixassem entrar, antes de trepar, irritadiço, por um buraco que roera no telhado, indo dormir ao sótão, exatamente por cima da sua cabeça. De madrugada, ouvia-o descer aos tropeções pelos estores verdes, lançar-se para os abetos em forma de candelabro, utilizando o efeito de trampolim dos cabos do telefone, e seguir caminho até à mercearia no cruzamento, de onde retirava baguetes duros do contentor do lixo. Tentava guardá-las de acordo com o seu instinto natural, mas, estando a terra demasiado gelada para enterrar fosse o que fosse, enfiava o pão nas botas de Sonia, na varanda, ou atirava pãezinhos duros pela chaminé abaixo. Sonia também contou aos pais acerca de Marie, a sua orientadora. Tinha cabelo ruivo, ao qual Marie atribuía o seu atrevimento. Era casada com Cole.

— *Coal*?² — perguntou o pai.

— C-O-L-E.

— Mas para quê um nome que soa exatamente como C-O-A-L? Toda a gente vai rir-se e dizer *Preeeto como carvããããoooo*.

— Ninguém se ri. — Irritava-a o humor do pai, típico das festas da elite urbana de Deli, bem como o seu simulado sotaque americano.

Foi Marie quem avistou um casaco amarelo na angariação solidária da sua igreja e o resgatou do fundo do caixote para Sonia. Era um forte contraste em relação à estação, tinha debruns verde-floresta, e a lã era espessa e de boa qualidade, e Sonia afeiçoara-se muito ao seu casaco leonino, de um amarelo tostado como caril.

— Deixa-me tirar-te uma fotografia para mandar à tua família; eles alguma vez viram neve? Põe-te ali junto aos abetos. Meu Deus, esse casaco é mesmo horrível — disse Marie, fascinada pelo tom garrido do agasalho. — Mas suponho que assim nunca te percas.

Marie afinal estava enganada. No decurso daquelas semanas e meses, com tempestades a desabarem do Canadá ou a ganharem fôlego enquanto varriam as Grandes Planícies rumo a leste, Sonia deu de chofre com o frio polar. O seu ânimo mudava sem motivo, ao sabor de um capricho próprio, fruto do acumular de uma nota de solidão que transferia o peso para outra. Podia ser dominada pelo pânico e chorar até que o pranto se tornasse quase diarreico; podia então, inesperadamente, ser transportada para uma onda de calma e ficar fascinada pela companhia da neve, à medida que esta perdia a urgência da chegada, permanecia, se deleitava e se desenrolava em câmara lenta — seduzindo-se a si própria, aquela neve afortunada. A seguir, o seu estado de espírito podia mudar. Por vezes ficava sentada à janela, como se fosse uma avó solitária, a ver os flocos a acelerarem novamente, a passarem velozes, até sentir que voava com eles, chamada pela vastidão salpicada de neve. Com o tempo, a solidão e a neve tornaram-se, na sua mente, a mesma coisa: leves como o ar, feitas de nada; só ao enfrentá-las é que alguém perceberia que se tinham acumulado demasiado para poderem ceder.

Da gaveta junto à cama, tirou o curioso amuleto que a mãe lhe dera e que originalmente pertencera ao seu avô Siegfried. Era uma caixa

² A palavra *coal* quer dizer «carvão» e é homófona do antropónimo *Cole*. (*N. do T.*)

gau tibetana, um altar portátil para uma divindade ou um talismã, de prata baça e gasta, com entalhes intrincados de nuvens enoveladas que se fundiam, formando dragões. Podia ser usado ao pescoço como um pesado pendente, preso a um cinto ou transportado numa mochila de montanha pelas altas passagens do Himalaia, onde os viajantes precisavam de um guia sobrenatural para atravessar a vastidão. Sonia abriu o fecho do amuleto e deu com uma pintura em miniatura de uma figura cor de sangue e preta como uma pantera. Projetava-se para a frente, gesticulando, imóvel como um escorpião de ferrão em riste. Os braços da criatura desdobravam-se em algo que pareciam garras; o seu coração era de ébano e pendia com colares de folha de ouro, rubis pintados luminosos e pérolas. Tinha uma perna mutilada, talhada como o bastão de um *sadhu*. O rosto desta criatura — mas não tinha rosto! No seu lugar havia um vazio rachado, um semblante partido, uns olhos de esqueleto, redondos como escotilhas.

Não fosse Sonia precisar de uma divindade demoníaca que afastasse outros demónios, que a amparasse na sua viagem, a mãe dera-lhe o amuleto na véspera da partida para os Estados Unidos. Sonia mantinha-o aberto sobre a secretária quando trabalhava; por vezes colocava-lhe à frente um seixo ou uma bolota, como se fosse um deus da escrita, a aterrorizá-la, a inspirá-la. O demónio chamava-se Badal Baba, Eremita das Nuvens. Mas poderia o Badal Baba protegê-la? Era ainda mais forasteiro do que a própria Sonia.

Sonia seria sempre capaz de se lembrar, com absoluta precisão, da tarde em que outra ave da neve rasou as falésias de granito — deixando redemoinhos plumosos que apagavam o contorno dos degraus da biblioteca — e um homem alto, envergando um casacão de pele mosqueada e um chapéu imponente de *karakul*, já um pouco traçado, subiu os degraus até à biblioteca.

Sonia saiu com a pá.

— Não me dei ao trabalho de limpar os degraus porque não pensei que viesse alguém.

— Há algumas pessoas nestas colinas — disse ele, quase severo, num sotaque que ela não soube identificar — que precisam de uma biblioteca.

Ele tirou-lhe a pá das mãos e abriu um carreiro estreito; depois voltou-se e sorriu, embora o olhar não se fixasse nela, permanecendo voltado para dentro. Tinha um rosto de galgo, distinto e magro, e, quando tirou o chapéu, Sonia reparou que o cabelo escuro tinha uma madeixa grisalha. Mais tarde, enquanto ela trabalhava em silêncio ao computador, ele retirou volumes de livros de arte das estantes, espalhou um mar de livros abertos pela mesa, tirou lápis e canetas de várias cores dos bolsos do casacão, desenhou, cantarolou. Escreveu nos livros e sublinhou passagens.

— Não pode fazer isso! — exclamou Sonia. Ele estava a escrever em *Cartas a Theo*, de Vincent van Gogh.

— Ai, esqueci-me, estou sempre a esquecer-me!

Saiu e começou a percorrer o exterior. Voltou. Lá fora, a temperatura descera, a neve abrandara, repousando agora sobre o solo, enquanto a floresta recolhia flocos.

Três dias depois, o forasteiro regressou. Depois dirigiu-se a Sonia quando esta passou junto à janela para regar as plantas.

— Ouve-me só isto — disse, e colocou-lhe os auscultadores. Entre eles surgiu um constrangimento quase impercetível, que a disparidade de idades tornava absurdo.

Os auscultadores estavam quentes. Ela ouviu um grito lancinante.

— O que é isto?

— É uma coruja. Tenho gravados os sons de mais de duzentas aves de rapina noturnas — explicou ele. — O mocho-d'orelhas-de-sokoke, o mocho-d'orelhas-elegante, o mocho-d'orelhas-torotoroca, o *Megascops cooperi*, o *Ninox albifacies*, a coruja-buraqueira, a *Strix chacoensis*, a coruja-dos-urais, o *Ninox boobook*, a coruja-ladradora, a *Tyto novaehollandiae castanops*, a coruja-medrosa, o *Gymnoglaux lawrencii*, a coruja-diabo, o mocho-serrador-nortenho, o mocho-perlado, a coruja-das-neves, também conhecida por «fantasma da tundra» ou «grande terror do Norte».

Sonia olhou para as suas próprias mãos, com os longos dedos como gravetos sobre a mesa de carvalho. Pareciam-lhe estranhas e exageradas.

— Aqui estão alguns mochos da Índia: o *Bubo bengalensis*, o *Athene brama*.

O *chirurr-chirurr* de um mocho-malhado a chamar sobrepunha-se ao som do trânsito, buzinas, pessoas.

— Guincha exatamente como o mocho que vivia atrás da casa dos meus avós. Observava-me de forma tão solene quando eu lavava os dentes que eu desatava a rir.

— Foi nessa altura que foste mais feliz?

— Sim — ficou surpreendida pela pergunta, tão simples, e pela resposta, igualmente simples. Um final de tarde comum numa casa repleta de gente é o que uma criança mais aprecia.

— Como é que era essa casa de banho?

O mundo longínquo e penumbroso da casa de banho de Allahabad, que Sonia partilhava com a Mina Foi, era tão grande como o quarto que também compartilhavam e ficava no lado sombrio da casa dos avós. Uma tribo de mosquitos ferozes, com listras pretas e brancas, prosperava junto a uma baía rasa de limo onde a água nunca escoava. Havia baldes debaixo das torneiras e uma plataforma de madeira podre e macia sobre a qual uma pessoa ficava de pé ao tomar banho, batendo com a mão no traseiro nu sempre que os mosquitos atacavam. O sabonete, numa saboneteira de plástico cor-de-rosa colocada sobre um banco de plástico a condizer, perfumava toda a casa de banho com um cheiro intenso a folhas; era o *Margo* verde. O sabão castanho da roupa, da mesma cor das lagartixas que caçavam os mosquitos e com o qual todas as manhãs Mina Foi lavava as cuecas, derretera num bloco de barro num canto do parapeito da janela, que ninguém limpava, profusamente decorado com camadas de teias de aranha, cujas tecelãs há muito haviam desaparecido.

Do outro lado encontrava-se um lavatório alto, por baixo de um espelho quase do tamanho de um selo, embutido na parede, e noutro canto via-se a sanita, isolada. Por cima dela, lá no teto alto, para garantir o impulso da queda, pendia um depósito de água, com uma corrente comprida. Quando se puxava a corrente, a água começava a girar lentamente, como uma serpente a contorcer-se na bacia de cerâmica rachada e desbotada, antes de desaparecer com um ruído abafado, como um trovão da época das chuvas a percorrer a canalização antiga.

A aia corcunda entrava mesmo quando alguém gritava que estava a tomar banho. Movia-se devagar, como se escavasse um túnel, recolhia a roupa abandonada e saía novamente, seguindo sempre o mesmo caminho ao longo da parede.

Do lado de fora da janela da casa de banho havia uma amoreira onde vivia o mocho que rodava a cabeça e olhava para dentro, espantado, o olhar aceso como uma lâmpada emergindo da névoa das suas penas. As penas, lembrava-se agora Sonia, pareciam salpicadas de neve; contemplar a ave dava uma sensação de frescura mesmo no pino do verão.

O homem escutava com atenção, embora tivesse tirado uma clementina do bolso. Tirou a casca formando uma tira uniforme, deu um gomo a Sonia e comeu outro.

— Conheces um livro sobre sombras, de um escritor japonês chamado Tanizaki? Não? Ele defendia que as sombras e as velhas casas de banho sombrias eram um portal para o passado, e que as sombras tornam a vida teatral e misteriosa, terreal e natural. Lembro-me dessas casas de banho indianas.

— Estiveste na Índia?

Ele deu-lhe outro gomo de clementina.

— As casas de banho nos palácios e fortes do Rajastão eram espaços melancólicos, com tanques de mármore que nunca se podiam encher num território tão sedento de água. Os pombos entravam e saíam, os macacos esticavam o braço para dentro e roubavam-nos a roupa enquanto tomávamos banho; nunca tinha visto tantos animais por perto. Era como se nós fôssemos os animais do jardim zoológico e eles andassem à solta; os macacos, os pavões, as vacas, vinham espreitar-nos pelas janelas.

O homem levantou-se e imitou primeiro uma ave, num movimento lateral, depois fez de macaco com ar de malandro e olhos de bandido.

— Consigo imitar muitos mais! — disse ele. — Exercitava estes gestos quando era criança, e nunca os esqueci.

Tirou outra clementina do bolso.

— Posso perguntar porque é que estás aqui?

— A faculdade fecha durante dois meses no inverno.

— Porquê?

— O aquecimento fica demasiado caro, e durante esse período temos de procurar um estágio, mas os estudantes estrangeiros só podem trabalhar no *campus*. Estou a falar do Armando, do Lazlo e de mim própria; mas quase nunca os vejo.

— Ficas sozinha durante todo o inverno? — perguntou ele.

— Sim.

— Eu também estou sozinho! — esclareceu.

— A minha única companhia é um esquilo que me bate na janela quando vem uma tempestade de neve.

— Sendo assim, porque não vens jantar comigo este fim de semana? Não devíamos comer sozinhos quando o resto da humanidade anda por aí a divertir-se.

Ele disse que se chamava Ilan de Toorjen Foss.

CAPÍTULO 3

Os assentos eram de um couro endurecido cor de caramelo que estalou quando ela se sentou. O carro tinha o mesmo tom de mostarda envernizada do casaco de Sonia.

— Gosto do teu casaco — disse ele.

O carro descrevia órbitas ao longo dos montes de neve, com os faróis a refletirem-se nos olhos dos veados. Através das árvores despidas, Sonia conseguia ver falésias e cordilheiras iluminadas pela lua que antes estavam ocultas. Invadiu-a uma sensação rara, quase sublime, mas de novo a assaltou um constrangimento de mau agouro; para o subjugar, perguntou a Ilan o que fazia por ali em Vermont.

— A luz da neve e o silêncio são como uma porta secreta. As minhas pinturas tornam-se mais estranhas.

— És pintor?

— Há outra forma de viver?

— O meu avô materno também era pintor — informou Sonia.
— Era um teósofo alemão chamado Siegfried Barbier, que partiu à procura do oculto nos Himalaias, montado numa mula. Não é uma coincidência curiosa?

— Ah, isso explica a tua altura. Não existem coincidências. E ele encontrou o que procurava?

— Desapareceu durante uma escalada, muito antes de eu nascer.

— Quando te vi, percebi logo que a tua história de vida não seria simples. Tenho boa intuição.

Por que razão lhe revelara ela, de imediato, um pormenor tão íntimo? Porque o estado de solidão invernal que a dominava se agravara, e sentia-se obrigada a contar-lhe as histórias mais cativantes para ser interessante, para poderem conhecer-se depressa, profundamente, para aliviar a sua solidão.

Foram a um restaurante japonês num penhasco com vista para um ribeiro meio gelado.

— E o que pintas? — perguntou Sonia, antes de se interrogar sobre se a pergunta não seria tola.

— Retrato como mau o que aparenta ser bom, e como bom o que aparenta ser mau. Junto aquilo que não se deveria juntar. E fico-me por aqui. Nada é mais horrível do que um artista que começa a debitar teorias de arte sem sentido quando lhe perguntam o que está a pintar. A maioria dos artistas fala assim agora. É por isso que não tenho amigos artistas. Aprendi com Van Gogh: devemos pensar na pintura com absoluta simplicidade, como um viajante que descreve uma paisagem ou uma cena. Quem o faz vive dentro das suas pinturas; e tudo o que eu quero é viver dentro das minhas pinturas.

Sonia deixou-se distrair pelo *sushi* à sua frente.

— Nunca tinha vindo a um restaurante japonês — confessou.

Audrey Hong ensinara-a a misturar um botão de *wasabi* no molho de soja e a segurar nos pauzinhos, o de cima como se pega numa caneta, mas ela receava manuseá-los mal.

— Nunca? Não contes isso a ninguém! O que andaste a fazer a vida inteira, desgraçada?

Ilan ergueu um pedaço de *nigiri* que cheirava a mar e enfiou-lho na boca. Uma das faces de Sonia era fustigada pelo frio do vidro ao lado da mesa, e a outra parecia quase líquida com o calor da lareira próxima. O calor derretia-se e enrolava-se como óleo em fusão dentro do seu ouvido, e ela deixou-se seduzir pela fénix dourada que faiscava e assobiava pela chaminé acima, e pela sebe de bambu para lá da janela — folhinhas, cada uma delas coberta por uma película de neve —, vergando-se profundamente ao silêncio.

— Diz-me uma coisa — interpelou-a ele. — Quem são os teus pais? A tua mãe gosta de ti?

Era uma pergunta estranha, mas também parecia uma pergunta gentil, porque a esta ela podia responder. O que poderia dizer a um estranho mais velho do que ela... quantos anos, afinal? Muitos mesmo.

— Sim. A tua mãe não gosta de ti?

— Não, não gosta. É por isso que tenho interesse.

— Tens a certeza? Ou será que ela não mostra o seu amor?

— Não — respondeu ele, irritado, como se aquela não fosse a resposta certa. — Nunca gostou de mim.

— Porquê?

— Há alguma razão para essas coisas? Sei lá. Sei que é verdade, só isso. Consegues imaginar o que é ter uma mãe que te detesta?

— Não.

— Porque é que dizes isso? Fazes-me sentir ainda mais desprezado. Que reviravolta estranha!

— Mas a minha mãe é distante, e não gosta do meu pai — compensou Sonia.

— Ah, a distância pode ser inteligência, pode ser egoísmo, infelicidade ou superioridade e juízo de valor, ou então ela ouve alguma música interior.

— A distância dela incita o meu pai. Ele não consegue deixar de a vigiar, e ela está sempre a tentar fugir.

— Deve ser bonita.

Sonia sentia orgulho da beleza da mãe.

— Sim — disse —, mas ela fica zangada quando alguém diz isso.

— Hum, isso é invulgar. A maioria das mulheres começa a ronronar quando lhes dizem que são bonitas.

— Ela diz que os indianos andam obcecados com quem é bonito e quem não é, que não têm imaginação na forma como percebem a beleza, que seguem o caminho mais fácil, que prendem as pessoas, tanto as consideradas feias como as consideradas bonitas. As pessoas más acorrem às que são tidas como bonitas, e as que são consideradas comuns estão condenadas a sofrer e a fracassar.

— Porquê? A beleza está para além do bem e do mal. As pessoas boas também se sentem atraídas pela beleza — disse Ilan.

— Mas são empurradas para o lado pelas más. Os homens seguem a minha mãe no parque; há um homem que vai aos Jardins Lodhi todos os dias, há vinte anos, só para a observar, e não fazemos ideia de quem seja. O meu pai não a deixa ir ao mercado sem interrogar o motorista para saber exatamente onde ela foi. Um dia ela chorou e disse que nem conseguia lavar o cabelo em paz, pois sentia a impaciência dele à porta. E ele disse que, na lua de mel, a minha mãe estava tão embrenhada na leitura que, quando largava as páginas, não tinha nada a dizer. O livro era mais interessante para ela do que Caxemira, já para não falar do homem com quem acabara de casar.

Sonia herdara o amor pelos livros da mãe, que o herdara do pai, Siegfried Barbier.

— O que estava ela a ler?

— *O Castelo*, de Kafka.

— Uma escolha interessante para uma lua de mel: um distanciamento profundo que previa o que se abateria sobre a Alemanha.

Enquanto Sonia falava, Ilan esboçava-a num caderno; escreveu o que ela disse anteriormente: «O meu avô foi à procura do oculto nos Himalaias, montado numa mula.» Tirou-lhe uma fotografia com uma pequena *Leica*.

— Tens uma família interessante e mãos expressivas — disse ele.

Isto fê-la sentir-se lisonjeada, e nos dias e meses seguintes Sonia continuou a trair a própria família e a trair-se a si própria.

Terminaram a garrafa de saquê, e Ilan estendeu as mãos por baixo da mesa, colocando-as nos joelhos de Sonia. Quando ela fechou as pernas, ele sorriu, ergueu uma mão e colocou-a por dentro da camisa dela. Ninguém o observava, o pessoal era discreto ou não prestava atenção, e não havia mais clientes. Olhando para o reflexo de ambos na janela, entre o bambu, com a mão dele a envolver-lhe o peito, Sonia viu a sua vida dividir-se em duas — a sua vida normal e aquele reflexo —, e sentiu o seu peito a transformar-se numa pomba sob a palma da mão dele.

— Porque não vamos para minha casa? — perguntou Ilan, mas, quando estavam no carro, Sonia mostrou-se nervosa.

— Estou cansada — disse ela. — Tenho de ir para casa.

— Entendo perfeitamente. — Ele tornou-se formal e educado. Deixou-a em casa. — Obrigado pela companhia — disse, fazendo uma vénia.

Quando Sonia regressou à residência universitária, deitou-se na sua cama estreita e percebeu que estava intoleravelmente embriagada. Levantou-se para impedir a sensação de cair numa profundidade insondável, percorreu o corredor intensamente iluminado, exalando um suor acre, estremeceu, mas achou a roupa insuportável e tirou-a. Foi até à casa de banho e bebeu da torneira — quanto mais água bebia, mais embriagada ficava. Ajoelhou-se junto à sanita e vomitou o dispendioso repasto, o equivalente ao que gastaria para se alimentar durante um mês ou mais. Regressou ao quarto, deitou-se novamente e ponderou o custo

de não ter cedido a Ilan — que se resumia a prolongar a sua solidão e desconsolo —, até que ouviu o esquilo a agitar-se e a fazer imenso barulho no sótão, como se tivesse umas botas calçadas e arrastasse pelo pavimento os grãos que armazenara. Gritou-lhe, quando ele se dirigia ao caixote do lixo para apanhar baguetes secas:

— Devias viver nas árvores!

O esquilo olhou-a fixamente. Se o destino do bicho era viver nas árvores, o dela era viver em cavernas.

Na biblioteca, na manhã seguinte, regou as plantas-jade com descuido e arrumou os livros de qualquer maneira.

— Jantei com aquele homem que frequenta a biblioteca — disse Sonia a Marie.

— Aquele velhote? Não consegues escolher ninguém da tua idade? Sonia sentiu-se furiosa.

— Ele é pintor — replicou secamente. Um artista pode ter uma razão diferente para se interessar por ela.

— Alguém alguma vez ouviu falar dele?

Sonia vasculhara os catálogos da biblioteca, os arquivos de jornais guardados em microficha. Encontrara apenas um registo do seu nome, parte de uma coleção privada na Suíça, uma pintura chamada *A Esposa do Ditador*.

— Ele não é velho — disse Sonia.

— Deve ter mais uns trinta anos do que tu.

— Não me parece que o problema seja a idade.

— Claro que é — retorquiu Marie. — É repugnante a forma como estes velhos encaram a juventude.

Não havia muito tempo, Marie dissera-lhe:

— Nunca mostras interesse em arranjar um namorado. Já trabalhas na biblioteca há três anos e nunca tiveste nenhum. Bem, acho que és sensata. Deves descobrir quem és antes de te envolveres com outra pessoa.

Passaram-se umas semanas, e quando a mãe e o pai lhe telefonaram deram novamente com Sonia a soluçar.

— O que se passa?

Ela não conseguiu responder.

— Não andas a escrever as tuas histórias? — perguntou a mãe.

— Ou a ler?

Ler um determinado romance num determinado lugar podia ser delicioso. Sonia não conseguia ler. Requisitara *Anna Karenina* na biblioteca, mas nem sequer uma história de amor num país de neve profunda lhe prendia a atenção.

Doze horas mais tarde, voltaram a ligar, e ela continuava a chorar, agora de forma histérica e ofegante, como se mal conseguisse manter a cabeça acima da inundação.

— Se te sentes sozinha, fala com a Marie — sugeriu a mãe, pegando no telefone. — É uma senhora simpática, não é? Ou então dá-me o número dela, e eu própria lhe ligo.

— Não!

Ela imaginou o telefone a tocar na casinha minúscula junto à Route 9, onde Marie e o marido, Cole, moravam. Imaginou a mãe a informá-los, lá da fervilhante Nova Deli — uma cidade com mais de dez milhões de almas, cuja vida nunca poderia ficar vazia de gente por mais que tentassem —, de que a filha tinha vergonha de contar a Marie que se sentia sozinha.

— Não faço outra coisa senão tentar fingir que não me sinto sozinha! — respondeu Sonia à mãe. Quando alguém se sente sozinho, tem vergonha, e o único alívio para essa vergonha é isolar-se, o que só reforça o sentimento de solidão.

— E o rapaz da Bulgária, ou o das Filipinas? — perguntou a mãe. — Se calhar sentem-se como tu.

Sonia acenou a Lazlo quando o viu no caminho junto ao lago. Ele acenou de volta, virou-se e retirou-se pelo mesmo caminho, como se se tivesse esquecido de algo. Parte do enigma de Lazlo residia na tristeza aristocrática que o tornava inatingível — qualquer gesto humano o imobilizava. Quando ninguém lhe prestava atenção, voltava à vida. Uma vez, Sonia ouviu-o a cantar, em tons leves e agudos, entre as estantes da biblioteca. Chamou-o: «Lazlo!» E ele parou. Depois, quando pensou que ela se afastara, retomou os gorjeios, como se pretendesse espalhar a voz pelas colinas. Quando Sonia telefonou a Armando, este convidou-a para jantar. Armando não sofria de solidão. Era adorado pelas senhoras do departamento de antigos alunos devido às histórias que contava sobre a coleção de malas da mãe, as festas de aniversário do pai em Manila — nas quais a quantidade de pratos coincidia

sempre com o número de anos de vida que completava — e os vários pretendentes da irmã.

— Sonia! — Com um gesto exuberante, Armando abriu a porta da casa de Dany, professor de teatro, segurou-a junto a si e levou-a a dançar pelo vestíbulo. — Tenho uma coisa para te contar.

— O que é?

— Sou homossexual! — disse, fazendo uma belíssima reverência com os braços estendidos.

— Sou filipino e sou homossexual! Sou uma dupla minoria. — Nos Estados Unidos, estes factos tinham peso e significado. — Acho que sempre soube — revelou ele. — Foi por isso que disse que queria ser padre.

Armando era finalista, tal como Sonia, e achava sensato permanecer nos Estados Unidos, porque seria mais fácil ser homossexual nesse país do que no seu. Mas como conseguir um emprego que lhe permitisse trocar o visto de estudante por um visto de trabalho?

— E os teus pais, estão a contar que fiques nos Estados Unidos? — perguntou Armando.

— Querem que eu fique, porque se abriam portas, e a vida seria mais livre para uma mulher, mas dizem que ficariam mais orgulhosos se eu regressasse.

Ficaram em silêncio, pensativos. Depois de concluírem o curso, poderiam permanecer um ano a adquirir experiência profissional nos Estados Unidos, mas, terminado esse ano, teriam de arranjar um patrocinador, alguém com quem casar ou regressar ao país de origem. Armando vestiu o avental de Dany e remexeu um guisado de bacalhau com tomate que resfolegava e espalhava respingos vermelhos e cor de laranja pelo fogão. Seguiu uma receita do livro de cozinha espanhola de Dany.

— Bem, não podes contar isto a ninguém — disse Armando, enquanto se sentavam para comer o que não tivesse saído da panela. — Prometes?

— Prometo — confirmou Sonia, fazendo uma nota mental para nunca contar segredos a quem os revelava a torto e a direito, obrigando os outros a jurar sigilo.

— Ora bem — disse ele —, no fim de semana passado estava tão aborrecido que comecei a vasculhar um pouco... e acabei por dar com uma pasta com cartas.

Não conseguiu resistir à tentação de as ler e descobriu que Dany tinha um amante do Iémen chamado Ali, que conhecera quando este era empregado de mesa em Londres e que agora vivia em Sanaa, era casado e tinha filhos. Durante vinte anos, os dois homens passavam duas semanas juntos em Istambul: Dany custeava o bilhete, e Ali tratava de inventar uma desculpa para a esposa.

— Não é maravilhoso e, ao mesmo tempo, *tão* triste? — perguntou Armando, com os olhos marejados.

— Tanta sorte... e tanta falta dela — respondeu Sonia. — Coitada da esposa, coitado do Dany, coitado do Ali, coitada da cadela. — Percebeu que a curva da cauda da *pug* se desfizera enquanto ela, sentada junto à janela, sem tirar os olhos do caminho de acesso à moradia, aguardava o regresso de Dany.

— E sabes em quem estou interessado?

— Em quem?

— No Lazlo! Não consigo deixar de pensar nele. Até lhe escrevi uma carta de amor.

CAPÍTULO 4

Quando Sonia regressou à Gerstein Chen House, tentou distrair-se. Encheu a banheira e enfiou-se na água quente e luzidia, que exalava um cheiro a casca de ovo. Mas não conseguiu evitar o que estava prestes a fazer. Atravessava uma certa etapa da vida e sentia que precisava de viver uma experiência romântica em breve — era ou não essa a razão pela qual se encontrava nos Estados Unidos, para experimentar o amor de forma anónima, na companhia de alguém tão desconhecido para ela quanto ela o era para essa pessoa, uma experiência que podia revelar-se embaraçosa ou desastrosa, mas que nunca a seguiria, permanecendo nas discretas páginas do inverno?

Com o corpo a pingar, foi até à cabine telefónica e ligou a Ilan.

Ele parecia encantado.

— Oh, pensei que não gostavas de mim. Vem já ter comigo! Vou ficar aqui a trabalhar a noite toda.

A casa ficava mais longe do que ela imaginava quando se pôs a caminho. Subiu um declive e desceu outro entre dunas de neve acumulada pela passagem do limpa-neves, e o ar, de tão gelado, queimava-lhe o rosto e as mãos. Depois de transpor uma entrada sem portão, seguiu por uma estrada rural que serpenteava por uma floresta. Mais à frente, avistou um vale sob a lua e uma manada de veados, sombras negras e silenciosas a atravessarem o fundo de prata. Lobrigou também as sombras dos abetos e das nogueiras cobertos de neve, dos bordos, do evónimo-alado e das colinas. Distinguiu dois enormes vasos com altos suspiros de neve e, mais à frente, a silhueta de uma casa, com pilares canelados de dois andares, e reparou nas luzes acesas num conjunto de divisões.

Ilan abriu a porta da rua, que dava acesso a um vestíbulo dominado por um totem com bico, que Sonia acabaria por descobrir ter sido talhado em madeira de feto arbóreo petrificado e provir da ilha de Malekula. A sala que se seguia ao vestíbulo estava quase deserta,

tirando algumas mesas de cavalete carregadas de livros e objetos; um divã imponente forrado de veludo amarelo; e dois biombos japoneses, com cerca de três metros cada um, pintados a tinta da China sobre papel acinzentado e carcomido pelos vermes, um deles com uma paisagem de montanhas e cascatas, o outro com ilhas e mar. Uma tigela de cerâmica com marijuana, de odor intenso, secava no parapeito junto ao radiador. Ilan encontrava-se de pé, junto a uma mesa repleta de fotografias, vestido com mantos de lã *tweed*.

— Olha, Sonia, esta é a minha mãe! — disse, entregando-lhe uma fotografia de uma jovem, com o cabelo escuro elegantemente ondulado para o lado, uma mão enluvada estendida com graça, um pé calçado com um sapato baixo igualmente elegante, levantado no ar, enquanto a ajudavam a sair de um barco reluzente revestido de madeira, semelhante a um escaravelho aquático, para o cais de um hotel. Ao fundo, erguiam-se montanhas escarpadas, talhadas como pontas de flecha, contrastando com um lago aparentemente sonhador e voluptuoso.

— Onde é que foi isso? — perguntou Sonia.

— No Grand Hotel Villa Serbelloni, no lago de Como. No verão, pode-se nadar no lago de Lecco, do outro lado, onde há menos trânsito de barcos, lado a lado com cobras-d'água pretas, que são fininhas e tímidas. A água é tão suave que parece leitosa, e, enquanto nadamos no lago mal aquecido pelo sol (nem pensar em mergulhar as pernas nas águas geladas mais fundas, mas devemos manter os dedos do pé a chapinhar na superfície aquecida pelo sol), podemos contemplar as neves lá no alto. Quando saímos, o corpo estremece, e derrama serpentes de água dourada, que escorrem para as oliveiras, e estas também brilham e tremem, como folhas feitas de água do lago; aos poucos, o sol aquece o corpo, deixamos de tremer e ficamos completamente imóveis, como uma osga ou uma pedra. — Ele observava a fotografia com atenção, como se a visse pela primeira vez. — Mas repara no número de empregados e porteiros ao lado: como detesto os ricos!

— Mas tu deves ter sido rico, se ficaste hospedado num hotel desses, não? — comentou Sonia.

— É por isso que sei que toda a gente deveria detestar os ricos.

— Mas aqui estás tu, a desfrutar do facto de também seres rico! — Sonia percebeu que a repulsa dele igualava o prazer que sentia.

— Sim — disse ele. — Repara como a minha mãe era bonita e elegante. Foi na tarde deste dia (o dia em que tiraram esta fotografia) que vi o reflexo dela no lago e pensei: *Estou apaixonado pela minha mãe!*

— Mas pensei que tinhas dito que ela não gostava de ti.

— É verdade, não gosta.

— De onde é que ela é?

— Os antepassados do pai eram banqueiros dos otomanos e depois estabeleceram-se em Viena e em Paris. A família da mãe dela era composta de funcionários coloniais na Índia.

— Na Índia?

— Já te disse que tenho uma ligação à Índia: já sei algumas coisas sobre ti, como vês.

Chegou-se à marijuana e começou a picá-la com uma espátula, tal como uma dona de casa faria com uma espátula de cozinha. Montou um cachimbo portátil, encheu-o, acendeu-o com um fósforo, inalou e exalou duas baforadas pelo nariz.

— É onde vivo agora, quando não estou cá.

A fotografia seguinte, captada de longe, revelava uma paisagem bem distinta: um rasto de ruínas mergulhadas no que parecia ser um matagal de catos. Ao centro, erguia-se uma parede pintada de vermelho-terra profundo, com uma lareira talhada num único bloco quadrado de pedra vulcânica. As janelas dessa parede em ruínas abriam-se para vales e desfiladeiros situados num plano muito inferior, por onde pastavam cardumes de nuvens.

— Onde é isto? — perguntou Sonia.

— Fica no México.

Tivera uma vida infeliz até desertar para o México, para ser artista, como tantos artistas antes dele — um lugar para onde muita gente de várias partes do mundo se dirigia para escapar. Alguns fugiam das guerras ou da pobreza na Europa, outros tinham sido exilados de outras regiões do continente; alguns iam por causa da Revolução, outros à procura de um ideal primitivo inspirado em artefactos que tinham visto nos museus de Berlim e Nova Iorque. Alguns, aproveitando o apoio financeiro concedido aos veteranos norte-americanos, à chamada Lei G.I., passavam o tempo a carregar na bebida, tentando apagar o passado da memória.

— Porque é que foste?

— Pelo momento extático: «nunca haverá azul sem laranja!» Foi o que escreveu Van Gogh numa carta ao irmão. Dava-me vontade de pintar tudo o que via. Sofria da síndrome de Stendhal. Sabes o que é? Não?

» Passei a minha primeira noite na praça de uma pequena vila construída na encosta de um vulcão fumegante. Sentia-se o perfume do copal de um festival religioso, misturado com o cheiro da pólvora queimada dos fogos de artifício. Ouvi uma fanfarra. O som surgia invisivelmente daqui ao lado e de repente vinha da direção oposta, depois lá de cima, da encosta. Vi umas marionetas gigantescas e esqueléticas atrás do convento, acima das árvores; foi então que, abruptamente, a música parou a meio da melodia, como se os músicos tivessem tido uma premonição e largado os instrumentos para fugir.

» Pintava numa herdade de tons terra, fria mesmo no verão, quando a luz era demasiado intensa para se ver fosse o que fosse lá fora. Os vasos de barro que sustentavam os marmelos eram tão antigos que voltavam a transformar-se em lama, manchando as paredes sobre as quais assentavam. No armário, repousavam chávenas de café silesianas cor-de-rosa e douradas que iam perdendo a cor e cujas pegas, de tão pequenas, mal se conseguiam segurar.

» Numa igreja de montanha, vi uma noiva vestida de negro, a chorar no braço de um homem antigo. Não havia noivo. Como na Índia, não conseguia compreender o que se passava nem porquê: nenhum livro o explicava satisfatoriamente, e cada pessoa a quem perguntava dizia algo completamente diferente. Percebi então que, enquanto procurava o surreal, tinha descoberto outra coisa: a ideia de surreal era europeia. Os europeus encaravam a verdade de cabeça para baixo. Pinte um pescador de lago cujos pés se tinham transformado em raízes de jacinto; ele nunca possuía sapatos.

» Pensava que o México seria um país onde poderia ser feliz e onde a felicidade não seria vulgar. Podia ser miserável e assumir uma miséria nobre. O trágico ali elevava-se de um modo que não acontece aqui, e a felicidade devia necessariamente conter um sopro de tristeza.

» Barragán foi responsável pela restauração desta ruína. Conheces Barragán? Não conheces? O que é que vos ensinam na faculdade? Não interessa.

Pegou-lhe na mão e conduziu-a pelas escadas até um patamar, onde um espelho se encaixava na madeira entalhada.

— Olha — disse, colocando-a diante do espelho. — O teu corpo tem inteligência. Pareces um leopardo. Nunca engordes.

Do patamar, as escadas ramificavam-se à direita e à esquerda, conduzindo a alas separadas da casa. Ilan levou-a pelo lance da direita até outra sala escassamente mobilada, onde se via uma cama de latão e uma lareira de azulejos brancos com navios azuis.

— Mas está um frio de rachar — disse ela.

— Sim, enfia-te na cama e tapa-te! — respondeu ele.

Depois meteu-se ele próprio na cama e tirou a roupa debaixo das cobertas, arremessando as várias peças de forma divertida: os mantos de *tweed* para a direita, as calças para a esquerda, as meias para a lâmpada, a roupa interior em direção à lua. Virou-se para ela e enfiou-lhe a língua quente na boca quente com tanta franqueza que a situação se tornava surpreendente e até um pouco cómica.

Sonia olhou para a lua repleta de crateras, sentiu a mecânica do sexo à distância, e o primeiro ato sexual acabou antes de começar propriamente. Olhou para Ilan e para si própria, deitados, afastados um do outro em ângulos disjuntos. Foi à casa de banho e lavou o muco cor de ferrugem entre as pernas, aliviada pela discrição do seu corpo. Pobre corpo, tinha feito o seu melhor para a acompanhar sem agir independentemente da sua vontade; não desencadeou um melodramático rasto carmesim; não gritou de medo, nem fez nenhuma cena. Quando Sonia voltou, acomodou-se para se deitar direita e composta na cama, com a cabeça na almofada e as mãos sobre o ventre fino. Sentia-se mais leve, mais magra, ligeiramente histérica. Tinha a certeza de que se estava a comportar incorretamente: não sabia como uma mulher devia agir nem o que devia dizer naquele momento.

— Esquecemo-nos de fechar os cortinados — disse.

Ilan parecia surpreendido.

— É bonito observar a neve — disse, rindo-se em seguida. — És uma dona de casa da classe média!

— Não — disse ela, ofendida. — É que a luz da lua dá-nos um ar assustador.

Por fim, o próprio Ilan veio pousar a cabeça no travesseiro banhado de luar. Adormeceram ambos — Sonia, com um sono entrecortado

— até que, a meio da noite, um vento insólito caiu das montanhas, esgueirou-se por baixo das portas e uivou, com voz de bruxa, pelas fendas das janelas, que tremiam nas suas calhas e começaram a chocalhar.

— Acorda, acorda! — Quando Sonia despertou, sobressaltada, Ilan andava, em pânico, a correr pelo aposento, completamente nu, a acender luzes, a enfiar peças de roupa à pressa. — Acorda, estou a ficar constipado, estou a ficar constipado! Ajuda-me!

Embora parte dela o observasse com curiosidade (nunca tinha visto um homem adulto a cirandar nu daquela maneira), também ela sentiu o pânico. Estendeu a mão para a roupa caída no soalho ao lado da cama e atirou-lhe a camisola dele.

Quando acabou de se vestir, com duas camadas de agasalhos, Ilan voltou para a cama e abraçou-a com alívio. Com o coração ainda a bater desalmado, Sonia desatou a rir, sentindo uma camaradagem súbita ao perceber que Ilan talvez se tivesse atrapalhado tanto como ela.

— Foi um espetáculo! — disse ela.

— Fico doente em dez minutos!

Quando um homem é salvo por uma jovem bonita, quando o aconchegam debaixo de um edredão de penas e o acham encantador e o provocam com carinho, ele fica feliz. Ilan pôs os pés de Sonia entre os seus.

— Estás a aquecer os teus pés nos meus!

— Fazemos amor outra vez?

— Mas depois tens de voltar a tirar a roupa.

Ela sentia um ardor intenso entre as pernas.

Na manhã seguinte, quando Sonia acordou, Ilan estava a olhar pela janela, com os dedos abertos contra a luz que inundava o quarto; embora o sol se situasse do lado oposto da casa, a luz refletia-se na neve e incidia sobre os finos agulhões de gelo que caíam dos pinheiros. Ilan brincava com os dedos, como se fossem bastões em combate. Sonia preocupava-se com a ideia de sair da cama nua com aquele sol despido. Compreendia por que razão um pintor viajaria longas distâncias por aquela claridade purificada pela neve. Ilan voltou-se.

— E se eu pintar um quadro e o quadro se tornar o teu destino? Às vezes, é mesmo assim que as coisas funcionam — disse ele, fitando-a com uma expressão que ela não conseguia decifrar.

— De que forma? — perguntou.

— Bem, quem for um bom artista (como eu, com o meu narcisismo, julgo ser) e trabalhar todos os dias acaba por, gradualmente, consagrar à arte uma parte cada vez maior da sua vida, subtraindo tanto da sua própria existência que esta acaba por se tornar um vazio que ele não ousa sequer encarar. Lentamente, todos os dias e a toda a hora, todos os meses e todos os anos, o artista continua desta maneira, a reunir material como uma pega-rabuda ou uma abelha, transportando-o laboriosamente como uma formiga, consumindo-o e desfazendo-o como uma minhoca. Como uma pega-rabuda, uma formiga, uma minhoca, uma abelha, a recolher e a juntar, a transferir mais um bocadinho da sua vida para a arte, mais um bocadinho da vida comum para a vida de sonho, mais um bocadinho da realidade para a irreabilidade, a sua intuição desenvolve-se de tal modo que o seu instinto fica cada vez mais apurado.

— Apurado para quê?

— Simplesmente apurado. O artista agarra a corrente subterrânea; pinta o que acontece antes de acontecer. Às vezes pinta um retrato e há alguém que se apaixona pela pintura, pois esta torna essa pessoa sensual, ou deixa-a finalmente satisfeita, ou dá-lhe coragem, ambição, e ela passa a viver de forma mais ampla depois de ter diante de si uma imagem que a incentiva a isso. Outras vezes pinta um quadro que perturba alguém, que expõe a sua vergonha secreta, ou que contraria a ideia que tem de si própria, que a persegue, que antecipa o seu futuro e a aprisiona... talvez eu pinte um quadro que o mundo inteiro venha a conhecer e tu fiques furiosa, e sintas que não existes fora da pintura.

— Mas tu não farias isso, pois não? — perguntou ela.

— Sabe-se lá o que eu farei. Sabemos que nos tornámos um verdadeiro artista quando até a morte da pessoa que mais amamos no mundo é outra oportunidade para pintar, outra forma de ganhar profundidade.

Sonia sentiu uma réstia de esperança narcisista de que acabaria, de facto, por ser retratada; certamente um artista só escolhe para sua companheira uma mulher com um rosto invulgar. Pensou no avô, o pintor que perseguia o oculto, e na avó a quem Sonia saía. A intensidade da vida do avô e a tragédia do seu desaparecimento tinham feito com que, depois disso, as suas duas filhas — a mãe de Sonia e a tia Meher — já não conseguissem suportar uma vida comum.

Ilan inclinou-se, deu com a câmara fotográfica ao lado da cama e tirou-lhe uma fotografia.

— Não te preocupes — disse ele —, és só cabelo preto comprido e um olho de obsidiana.

Escancarou os olhos para fitar diretamente os dela.

— Os teus olhos são cinzentos — observou ela.

— Cinzento-escuros, mas com um aro âmbar à volta, consegues ver? — Abriu-os ainda mais, transformando-os em olhos de coruja.

— Sim.

— E tenho orgulho nos meus olhos. E sou pintor. E se isto quiser dizer que vou ficar cego?

— Isso não faz sentido.

— Pois, não faz o mínimo sentido — disse ele. — E se nos levantássemos e fôssemos comer compota de morango para sermos felizes?

Volvida uma semana, Sonia aceitou novamente o convite de Ilan, e criaram o hábito de se encontrar todos os fins de semana; sempre que se encontravam, faziam exatamente a mesma coisa. Saíam de carro, enlevados pela paisagem, ansiosos pelo jantar no restaurante japonês, onde já não era necessário pedirem nada. O empregado trazia-lhes um cortejo de pratos: um caldo de aroma mineral, um pudim delicado mal solidificado e perfumado com crisântemo, ovas brilhantes que se desfaziam entre os dentes libertando o seu sabor marinho, raízes outonais em conserva. Eram quase sempre os únicos clientes, mas, de vez em quando, uma senhora idosa com um casaco comprido de *vison* — tão negro que tinha reflexos prateados e transmitia não uma impressão de calor, mas de frio — entrava com a ajuda de um motorista e de uma cuidadora de meia-idade que envergava uma parca azul-bebé. Um dia, na casa de banho das senhoras, a cuidadora disse a Sonia que era do Maláui e que vivia numa mansão nas colinas, fazendo parte de uma equipa de cinco pessoas, todas desse país. Sonia relatou a Ilan o que ouvira da cuidadora.

— Hei de retratá-los, com a senhora e a criadagem alinhadas contra a montanha da Baleia — disse ele.

Depois do jantar, regressavam a casa de Ilan, passando lentamente pelos dois vasos que continham os extravagantes suspiros de neve,

os quais tremiam e deixavam voar pedacinhos de neve que se juntavam aos flocos mais selvagens e informes que fugiam das coníferas. Sempre que Ilan passava pelos vasos, buzinava para avisar que estava de regresso a casa.

— Que casa pomposa — disse Ilan —, construída com dinheiro do transporte marítimo pelo meu bisavô. Segundo consta, trouxe para cá uma criada, e ela matou-se para escapar ao assédio dele. Talvez seja por isso que a luz tem esta presença perturbadora. A luz lembra-se. Estou a usá-la para pintar.

— Posso ver os teus quadros um dia? — perguntou Sonia. Pensou em *A Esposa do Ditador*, referência que encontrara na biblioteca, mas não quis admitir a Ilan que andara a pesquisar sobre ele.

— Não. Estão incompletos. Tenho de os resguardar.

— Então diz-me o que estás a pintar, como se fosse o relato de um viajante.

— Não, não to direi, ou a minha pintura perderá o seu poder, mas fica sabendo que estou a pintar um bom quadro. Quando estou a pintar com beleza, a minha saliva parece *sagrada* e os meus ouvidos parecem polvilhados de pimenta. Mas se perder a minha energia, ou se a minha pintura perder o seu mistério secreto, vingar-me-ei de alguma forma. E eu gosto de ti, quero-te aqui, quero pegar no teu mamilo e puxá-lo para dentro da minha boca!

De manhã, Sonia folheava livros de arte antes de Ilan se retirar para o seu estúdio no celeiro, altura em que ela própria deveria partir, conforme lhe fora aconselhado. Deteve-se numa pintura que mostrava umas pessoas a desfrutarem de uma excursão pelos Alpes. Uma sombra negra cortava a tela, e Sonia reconheceu, pela experiência da casa da mãe nos Himalaias, que era exatamente assim que a noite e o dia chegavam às montanhas: em faixas e massas lançadas de montanha em montanha. Quanto mais contemplava a pintura, que à primeira vista parecia apenas uma cena natural e agradável, mais esta lhe parecia outra coisa — uma natureza simulada, figuras absorvidas cada uma na sua própria recriação de um quadro bucólico. A vida real era uma vida falsa. Algo mais se passava, e parecia...

— *Sinistro?* — murmurou, e Ilan aproximou-se também para examinar a pintura.

Dirigiu-se então ao divã e recostou-se, com o rosto transformado.

— Sonia, não consegues parar de olhar para isso? Porque é que me mostraste essa imagem? Deixou-me perturbado.

— Não ta mostrei, foste tu que te aproximaste.

Olhou-a de frente, desafiante.

— Foste tu que ma mostraste. Abriste a página e disseste: «Sinistro!»

— Porque é que te deixa perturbado?

Ela pensou que talvez esta pintura, praticamente uma cena de felicidade, deixasse qualquer pessoa com um sentimento de desamparo.

Nos dois meses que se seguiram, Sonia descobriu o prazer indolente de andar nua sob o olhar de alguém; aprendeu que quanto mais sexo se pratica mais se deseja, e que era delicioso acordar a ter relações e estar quase adormecida durante o ato. Aprendeu os prazeres dos pequenos momentos de cumplicidade — estender a mão até ao prato de alguém para apanhar um pedaço de *sushi* ou uma tangerina, abandonar as formalidades — e de cantar sem melodia e com alegria, de modo que outro ouça e ria. E descobriu o prazer mais profundo de todos: ter alguém com quem conversar ao adormecer, ou quando se acorda a meio da noite, o que a remetia para a memória da cama alta e dura que partilhava com Mina Foi sempre que visitava Allahabad na infância. Prendiam a rede mosqueira sob o fino colchão de algodão, rodeando-o por completo, mas havia sempre um mosquito que teimava em entrar e, quando pensavam estar em segurança, lá vinha ele, a esvoaçar como um helicóptero.

— Toma lá! — dizia Mina Foi, envergando a sua camisa de dormir estampada com rosas, ainda ousada na altura, e com o cabelo perfumado a óleo de coco, enquanto tentava esmagá-lo entre as mãos.

Em muitos aspetos, Sonia sentia-se novamente uma criança, e mais brincalhona do que nunca. Pensava que era a isso que as pessoas se referiam quando falavam de amor: exteriormente tornava-se mais adulta e era tratada com maior consideração, mas secretamente era mais infantil, mais livre, mais risonha. Quando estava só, sentia-se e vivia como uma adulta séria e contida, mas, entretanto, era tratada como uma criança. Se passasse a vida sozinha e sem recursos — mais uma vez lembrava-se de Mina Foi — era considerada uma imbecil.

Foi Mina Foi quem primeiro a avisou discretamente que, por trás de uma fachada de aparente normalidade, os homens podiam afinal ser lobos.

— Embora sejas muito jovem, digo-te isto para ficares atenta e aprenderes.

Foi Mina Foi quem encorajou Sonia.

— Vai em frente e sê feliz, minha querida. Não sejas como eu.

Uma história arrebatadora sobre dois jovens
cujos destinos se cruzarão e se separarão ao longo
de continentes e anos – um romance épico sobre
o amor e a família, a Índia e a América,
a tradição e a modernidade.

Quando Sonia e Sunny se cruzam pela primeira vez num comboio noturno, a atração entre eles é imediata, mas ambos recordam com algum desconforto o facto de, no passado, os avós terem tentado juntá-los — uma intromissão desastrosa que só serviu para os afastar.

Sonia, uma aspirante a romancista, regressou para junto da família na Índia após concluir os seus estudos nas montanhas nevadas de Vermont, período em que se sentira sozinha e em que, em busca de intimidade e inspiração, recorrera a um artista que lançaria um feitiço sombrio sobre os próximos anos da sua vida. Sunny, um jornalista em dificuldades, natural de Deli, viu nos Estados Unidos uma forma de fugir da sua mãe dominadora e do caos da sua família conflituosa, mas, num mundo tão vasto e agitado, também se sentiu sozinho.

Alienados e incertos quanto ao futuro, Sonia e Sunny embarcam juntos numa busca pela felicidade, começando a questionar a sua compreensão das relações humanas e do lugar onde pertencem.

«Um romance avassalador.»

Time



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

    penguinlivros

ISBN: 978-989-596-199-3



9 789895 961993